

O problema da unificação em Linguística: a resposta generativista

Inês Duarte
FLUL-DLGR

Em 1984, teve lugar o 1.º Encontro de Linguistas Portugueses, que haveria de dar origem à criação da Associação Portuguesa de Linguística. Ao folhear as actas desse encontro, deparei com uma intervenção minha, que já havia esquecido, intitulada “A Gramática Generativa: um Programa de Investigação”¹.

Decidi que esta era uma boa ocasião para visitar o tema, recolocando-o com o lastro acrescido dos resultados da investigação entretanto produzida entre nós e internacionalmente, e com um pouco menos de ignorância e um pouco mais de maturidade do que as que tinha nessa época. Fá-lo-ei, contudo, com o mesmo entusiasmo e fascínio que então me despertava a capacidade linguística da espécie humana, e com a mesma crença profunda de que participar na grande aventura do conhecimento acorda o que há de melhor no ser humano: o espírito criativo, o rigor e a honestidade na actividade intelectual, a cooperação entre colegas, a responsabilidade cívica e política, e um grande, grande respeito por ideias diferentes das nossas.

1. O problema da unificação

Num livro recente, cuja tradução portuguesa foi dada à estampa pela Gradiva, João Magueijo afirma:

Sabemos há décadas que a nossa compreensão da natureza é incompleta. A física moderna é dominada por dois edifícios teóricos: a teoria da relatividade e a teoria quântica. Cada uma delas é rainha nos seus domínios, mas, quando os teóricos tentam fundi-las na quimera chamada *gravidade quântica*, nada funciona. Falta-nos a

¹ Tal como fazia nesse texto, utilizarei aqui este termo na acepção de Imre Lakatos, i.e., os programas de investigação são complexos teórico-metodológicos que dispõem de um núcleo duro de hipóteses não negociáveis, de uma cintura protectora de hipóteses auxiliares mais flexível e de uma metodologia de resolução de problemas e anomalias. Sobre este conceito, veja-se, por exemplo, o ensaio *História da Ciência e suas Reconstruções Racionais*, publicado em tradução portuguesa em Lakatos (1998).

derradeira teoria unificada, o sonho irrealizado de Einstein, de um formalismo conceptual único que englobe todos os fenómenos [físicos] conhecidos.

[Magueijo, 2003: 16]

Vou servir-me desta citação com um duplo objectivo. Por um lado, ela permite-me fazer notar que, neste início do século XXI, o problema da unificação nem é exclusivo da Linguística, nem é sintoma de fragilidade científica da nossa área do saber, uma vez que ele se coloca em Física, porventura a realização mais próxima do modelo de ciência empírica que conhecemos. Por outro lado, ela ilustra o tipo de problema de unificação de que me ocuparei aqui hoje, e que passarei a caracterizar brevemente.

Nos já longínquos anos 60, a comunidade linguística foi surpreendida com a afirmação de Chomsky de que o estudo da linguagem verbal é um tópico central da psicologia geral² e, em consequência, que a Linguística deve ser considerada um ramo da Psicologia. A investigação desenvolvida desde então sobre as propriedades do sistema mental que caracteriza o conhecimento que os falantes têm da sua língua e que põem em uso ao (inter)agir verbalmente está, como é sabido, na base da constituição das chamadas ciências cognitivas, tendo conduzido a resultados promissores e a diferentes hipóteses de trabalho sobre a relação entre o conhecimento da língua e outros sistemas de conhecimento. Esta linha de investigação colocou e coloca um problema de unificação: a procura de uma teoria que proponha “um formalismo conceptual único que englobe todos os fenómenos” linguísticos e cognitivos não linguísticos conhecidos.

Uns anos mais tarde, em 1974, decorreu em Endicott House, no Massachusetts, um seminário interdisciplinar sobre linguagem e biologia financiado pelo *Centre Royaumont pour la Science de l'Homme* em que participaram, entre outros, Luria e Chomsky. No relatório desse seminário, surge pela primeira vez o termo ‘biolinguística’ usado na acepção que aqui me interessa. Na actualidade, pode considerar-se que a Biolinguística procura responder às cinco questões fundamentais seguintes:

- (1) What constitutes knowledge of language?
- (2) How is this knowledge acquired?
- (3) How is this knowledge put to use?
- (4) What are the relevant brain mechanisms?
- (5) How does this knowledge evolve (in the species)?

[Jenkins, 2000: 1]³

As respostas a todas estas questões exigem “um formalismo conceptual único que englobe todos os fenómenos” linguísticos e neurobiológicos conhecidos, um desafio que exige uma complexa e, tudo o indica, demorada agenda de investigação, dados, em particular, os problemas que decorrem do fosso existente entre o que a investigação

² Veja-se, em particular, a última das conferências incluídas no livro *Language and Mind*, publicado em 1968.

³ Veja-se também Chomsky (1988: capítulo 5) e Chomsky & Lasnik (1993: 17).

linguística já permitiu caracterizar como a natureza digital e algorítmica da linguagem humana e a variabilidade e o fluxo contínuo da experiência individual e da estrutura neural⁴.

Nos dois casos acima referidos, a questão da unificação ultrapassa as fronteiras da Linguística, uma vez que o problema que se enfrenta é o da procura de uma teoria unificada dos fenómenos cognitivos ou de uma teoria unificada dos fenómenos biolinguísticos. Em ambos os casos, tal procura exige colaboração e interacção forte entre linguistas e especialistas de outros ramos do saber.

No que se segue, não me ocuparei deste tipo de unificação, antes de mais por razões de honestidade intelectual e científica. Ocupar-me-ei, sim, de problemas de unificação internos ao campo da Linguística. Assim, procurarei centrar-me nos passos já dados no sentido de encontrar uma teoria que responda de uma forma unificada a problemas centrais e clássicos que têm ocupado os investigadores desde a constituição da Linguística como ciência, no século XIX. Ao fazê-lo, argumentarei a favor da ideia de que o programa de investigação generativista, em particular na formulação iniciada nas *Rules and Representations*, de 1980, e nas *Lectures on Government and Binding*, de 1981, bem como nas sucessivas reformulações teóricas sofridas desde então, constitui a primeira resposta promissora ao problema da unificação interno ao campo da Linguística.

2. O núcleo duro do programa generativista

Para sustentar esta afirmação, começarei então por caracterizar brevemente o núcleo duro do programa generativista. Das cinco questões centrais da Biolinguística que há pouco referi, as duas primeiras – O que é o conhecimento da língua? Como é adquirido este conhecimento? – são aquelas em que se tem concentrado o grosso do trabalho desenvolvido pelos linguistas que subscrevem este programa de investigação.

O núcleo duro do programa generativista consiste numa teoria selectiva da aquisição da língua caracterizada por um estado inicial (também denominado faculdade de linguagem ou órgão da linguagem) e por variação paramétrica sensível ao *input* linguístico.

Detenhamo-nos em dois termos que acabei de utilizar: ‘teoria selectiva da aquisição’ e ‘variação paramétrica’.

O termo ‘teoria selectiva da aquisição’ deve-se ao imunologista e Prémio Nobel Niels Jerne, que, num texto de 1967 sobre a formação dos anticorpos, distinguia teorias da aquisição instrucionais e selectivas, caracterizando as primeiras como teorias que defendem que os sistemas biológicos aprendem porque os sinais externos comunicam as suas características ao sistema que os recebe, enquanto as últimas sustentam que só ocorre uma mudança num sistema biológico quando alguma propriedade já presente nesse sistema é identificada e ampliada pelo estímulo externo⁵.

⁴ Cf. Chomsky (2000: 104).

⁵ Veja-se (Jerne, 1967). Veja-se também a este propósito o seguinte excerto de Chomsky (1980: 136-137):

He [Jerne] distinguishes between instructive and selective theories in biology, where an instructive theory holds that a signal from the outside imparts its character to the system that receives it, and a

Por seu lado, o termo ‘variação paramétrica’ é central no modelo de aquisição proposto pelos generativistas, o qual sustenta que o estado inicial se caracteriza por um conjunto de propriedades universais invariáveis, os princípios, e por parâmetros, ou seja, princípios abertos que prevêm escolhas realizadas a partir das propriedades do *input* linguístico. Como Chomsky afirma em *Rules and Representations*:

In a system that is sufficiently intricate in structure, small changes at particular points can lead to substantial differences in outcome. In the case of growth of organs, mental organs in our case, small changes in parameters left open in the general schematism can lead to what appear to be very different systems.⁶

[Chomsky, 1980: 67]

O sistema de conhecimento desenvolvido como resultado da interacção do estado inicial com o *input* linguístico é caracterizado como um sistema combinatório discreto, com capacidade de construir estrutura a partir de segmentos, morfemas e objectos lexicais e de exprimir dependências locais e a longa distância⁷.

O referido núcleo duro integra igualmente a hipótese da modularidade da mente⁸. De acordo com Fodor (1983, 1985), a arquitectura da mente dispõe de alguns sistemas modulares, caracterizados pelas seguintes propriedades: especificidade de domínio, obrigatoriedade de funcionamento e rapidez de processamento, limitação de acesso às representações

selective theory holds that change of the system takes place when some already present character is identified and amplified by the intruding stimulus. He argues that “Looking back into the history of biology, it appears that wherever a phenomenon resembles learning, an instructive theory was first proposed to account for the underlying mechanisms. In every case, this was later replaced by a selective theory.”

Sobre a caracterização da teoria de aquisição da língua do programa de investigação generativista como teoria selectiva, veja-se Piatelli-Palmarini (1989) e Lightfoot (1991: capítulo 1).

⁶ Compare-se com a seguinte afirmação acerca da diversificação das espécies do biólogo molecular François Jacob, extraída do texto *Darwinism Reconsidered*, publicado em 1978, que Chomsky cita na mesma obra:

it was not biochemical innovation that caused diversification of organisms ... What accounts for the difference between a butterfly and a lion, a chicken and a fly, or a worm and a whale is not their chemical components, but varying distributions of these components... specialization and diversification called only for different utilization of the same structural information... the diversification and specialization ... are the result of mutations which altered the organism’s regulatory circuits more than its chemical structures. The minor modification of redistributing the structures in time and space is enough to profoundly change the shape, performance, and behaviour of the final product.

[*apud* Chomsky, 1980: 67]

⁷ Chomsky (2000: 13) chama a esta última propriedade “the displacement property”. Modelos de gramática como a *Lexical Functional Grammar*, a *Generalized Phrase-Structure Grammar* e a *Head-Driven Phrase-Structure Grammar*, que têm surgido como alternativas à corrente central do programa de investigação generativista concretizada, a partir de 1981, nos modelos *Government and Binding* (GB) e Programa Minimalista (MP) da Teoria dos Princípios e Parâmetros, embora divergindo quanto à maquinaria gramatical proposta, partilham estas propriedades.

⁸ Cf., entre outros, Fodor (1983, 1985), Pinker (1994, 1997), Jenkins (2000).

por eles geradas por parte de outros sistemas cognitivos, encapsulamento informativo, superficialidade computacional, arquitectura neural fixa e compacta, mapas de deterioração característicos e específicos e natureza inata (ou seja, transmitida geneticamente).

Se considerarmos o sistema mental desenvolvido pelos falantes como resultado do processo de aquisição da língua, verificamos que ele possui as propriedades atribuídas por Fodor (1983, 1985) aos sistemas modulares. Assim:

(i) Especificidade de domínio: este sistema só reconhece estímulos específicos como *input* – sons da fala, mas não imagens, números ou representações algébricas; inversamente, os outros sistemas cognitivos modulares não utilizam como *input* os sons da fala.

(ii) Obrigatoriedade de funcionamento e rapidez de processamento: perante a presença do estímulo, o sistema actua automaticamente, sem mediação de processos volitivos, o que garante uma maior execução e eficácia de processamento; assim, por exemplo, compreendemos mais depressa enunciados do que resolvemos problemas, actividade que envolve reflexão e tomadas de decisão.

(iii) Limitação de acesso: ao interpretar um enunciado, o falante não tem consciência dos vários tipos intermédios de representações geradas pelo sistema que processou o estímulo acústico.

(iv) Encapsulamento informativo: o sistema opera de uma forma totalmente independente de outros módulos cognitivos e dos sistemas centrais – veja-se, por exemplo, a diferença entre significado literal e significados contextualmente construídos.

(v) Superficialidade computacional: o sistema gera representações incompletas, ou seja, ao interpretar um enunciado ou conjunto de enunciados, o falante tem de combinar as representações de saída deste sistema com informação de sistemas cognitivos centrais (e.g., sistemas de conhecimentos, sistemas de crenças, ...).

(vi) Arquitectura neural fixa e compacta: os sistemas neuronais que constituem a base física do módulo linguístico ocupam uma área relativamente pequena no neocórtex, a sua localização é relativamente estável de indivíduo para indivíduo e não parece haver variação significativa nos circuitos neurais e nas conexões nervosas entre as várias componentes do sistema.

(vii) Mapas de deterioração característicos e específicos: devido à propriedade anterior, lesões específicas em determinadas áreas do neocórtex determinam perdas em aspectos específicos da função linguística (e.g., uma lesão na área de Broca ou na massa branca subjacente determina uma perda na fala fluente mas não atinge a compreensão).

(viii) Natureza inata: a universalidade, uniformidade e independência de variáveis como sexo, raça, cultura, estatuto económico e grau de inteligência do processo de aquisição da língua constitui um argumento forte a favor do carácter inato do sistema, ou seja, quando activado por *input* linguístico, o órgão da linguagem evolui de uma forma determinada endogenamente.

O núcleo duro do programa generativista integra ainda a assunção do naturalismo metodológico na investigação sobre a linguagem humana, uma posição mal compreendida

por muitos filósofos contemporâneos. Como Chomsky afirma num dos artigos recolhidos no livro *New Horizons in the Study of Language and Mind*,

a “naturalistic approach” to the mind investigates mental aspects of the world as we do any others, seeking to construct intelligible explanatory theories, with the hope of eventual integration with the “core” natural sciences. Such “methodological naturalism” can be counterposed to what might be called “methodological dualism”, the view that we must abandon scientific rationality when we study humans “above the neck” (metaphorically speaking), becoming mystics in this unique domain, imposing arbitrary stipulations and a priori demands of a sort that would never be contemplated in the sciences, or in other ways departing from normal canons of inquiry.

[Chomsky, 2000: 76]

Em síntese, o programa generativista propõe uma teoria selectiva da aquisição da língua, caracterizável por um estado inicial comum a todos os indivíduos da espécie e por variação paramétrica, defende a natureza combinatoria discreta do sistema de conhecimento resultante da interacção do estado inicial com o *input* linguístico, assume a natureza modular deste sistema mental e adopta uma metodologia naturalista na investigação das suas propriedades.

3. Contribuições do programa de investigação generativista para o problema da unificação

Caracterizado o núcleo duro do programa de investigação generativista, concentremo-nos agora em contribuições deste programa para o problema da unificação.

3.1. Variação entre línguas, aquisição da língua materna e mudança linguística: uma resposta unificada

Há uns tempos atrás, o Zé Victor Adragão contou-me a versão da metáfora de Babel que ouviu o neto João contar a um amigo. Já o João ia na fase multilingue da história e se dedicava a enumerar as línguas nascidas da ira do Criador, quando o amigo lhe perguntou, intrigado: “E que língua é que os homens todos falavam antes?”. Ao que o João respondeu sem hesitar: “O português.”.

Metáforas como a de Babel mostram como a quimera da língua inicial e o mistério da diversidade linguística têm alimentado a imaginação e a curiosidade das sociedades humanas. Por outro lado, e como todos sabemos, os trabalhos fundadores da nossa disciplina científica foram exactamente os estudos oitocentistas que se ocuparam de problemas de mudança linguística. Estes estudos procuravam, através da comparação entre línguas, encontrar a filiação genética das mesmas e estabelecer leis deterministas de evolução. Como nota Lightfoot,

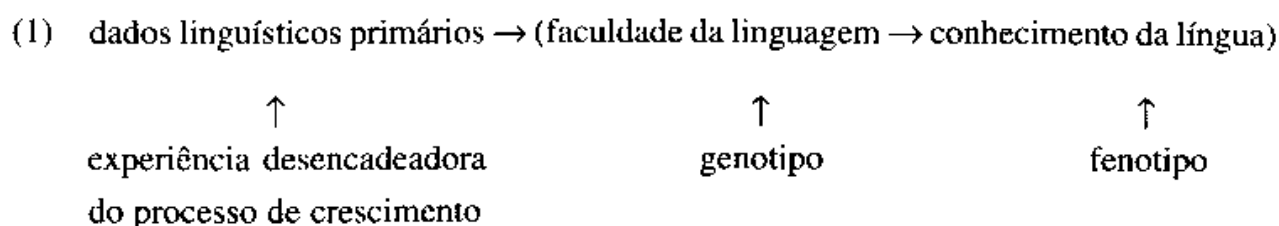
The linguists were fully integrated in the intellectual life of that century, whose dominant figures include Darwin and Marx, two men preoccupied with matters of history and change. [...] The enormous success of the linguists made them obligatory reading for biologists and historians concerned with evolutionary and political change, and it meant that their ideas came to dominate linguistic thinking long after linguists had broadened their interests to include nonhistorical matters.

[Lightfoot, 1999: 17]

Contudo, a linguística histórica que o século XIX nos legou como herança ocupou-se daquilo que na gíria generativista denominamos línguas-E, i.e., dos produtos do sistema de conhecimento desenvolvido pelos falantes como resultado do processo de aquisição e não desse sistema em si próprio. E enquanto a atenção dos linguistas permaneceu centrada nas línguas-E, como aconteceu predominantemente durante o período estruturalista, não foi possível encontrar uma resposta unificada para os problemas metaforizados em Babel: (a) Como dar conta da variação entre línguas? Tratar-se-á de uma variação sem limites, como defenderam alguns estruturalistas? Ou pelo contrário, a diversidade linguística, mesmo que aparentemente extrema, esconde propriedades comuns? (b) Em que consiste o processo de aquisição de uma língua? Quais os factores decisivos deste processo? A riqueza da experiência? Processos gerais de aprendizagem? (c) Como mudam as línguas? Os processos de mudança actuam de uma forma determinista? A mudança processa-se gradualmente ou, pelo contrário, é brusca?

A trave-mestra da resposta unificada proposta pelo programa generativista é a teoria selectiva da aquisição a que já me referi, a qual, de resto, só é possível pela mudança do foco da investigação para o sistema mental que subjaz à nossa actividade de falantes, mudança que caracterizou o programa desde quase o seu início.

Esta teoria pode ser representada através do modelo apresentado em (1):



Neste modelo, a faculdade da linguagem (ou estado inicial) constitui o genotipo que é parte da herança genética da criança. Quando estimulado por experiência adequada, os dados linguísticos primários, este genotipo evolui para um fenotipo específico, o conhecimento da língua (ou estado estável ou ainda língua-I) a que a criança está exposta. Assim, de acordo com este modelo, a faculdade da linguagem é constituída por princípios universais e por parâmetros que são fixados por determinadas propriedades do contexto linguístico. A tarefa dos linguistas consiste então em: (a) caracterizar os aspectos relevantes da faculdade da linguagem que permitem que um sistema de conhecimento maduro venha

a emergir quando a criança é exposta a experiência de uma dada língua (ou seja, propor uma teoria da Gramática Universal); (b) determinar que aspectos da experiência a que a criança está exposta desencadeiam o seu crescimento linguístico numa dada direcção.

Existe unanimidade quanto a dois aspectos da experiência desencadeadora da fixação de parâmetros: ela tem de ser positiva – i.e., a criança só utiliza informação dada em (ou derivável de) enunciados que ouve – e robusta – i.e., só informação suficientemente frequente é utilizada pela criança neste processo. Na versão do modelo proposta em Dresher (1999), Fodor (1998) e Lightfoot (1999), a fixação dos parâmetros processa-se do seguinte modo: associada a cada parâmetro existe uma “pista”. As “pistas” são estruturas gramaticais de certo tipo, que a criança procura quando constrói as representações mentais – parciais e com menos informações dos que as construídas pelos falantes adultos – dos enunciados que ouve. Por exemplo, para fixar o Parâmetro do Núcleo como inicial em português, a criança tem de estar exposta a enunciados contendo expressões como *comprou um cão, foi ao parque, falou com o avô, para o jardim, pai do bebé*, etc. Mas, para o fazer, precisa de uma “pista” que lhe permita identificar o verbo, a preposição e o nome que iniciam cada uma das expressões como o núcleo da construção, e as expressões nominais e preposicionais que os seguem como os complementos, ou seja precisa de procurar nos dados a pista [_X X YP]¹⁰.

A teoria selectiva da aquisição que acabei de descrever sumariamente fornece os ingredientes conceptuais que nos permitem abordar o problema da variação entre línguas, ou melhor, da existência de línguas-I aparentemente muito diferentes umas das outras, e, ao mesmo tempo, compreender por que razão o processo de aquisição é espontâneo, natural e uniforme, seja qual for o sistema maduro alvo (português ou quechua, japonês ou galês, etc.). Ou seja, embora todos os membros da espécie humana venham equipados com a mesma faculdade da linguagem, este sistema cresce em direcções diferentes devido à fixação que é feita de cada parâmetro por determinadas propriedades relevantes da experiência linguística a que a criança está exposta.

⁹ Vejam-se as propriedades que me parecem não controversas desta versão do modelo, na caracterização apresentada em Dresher (1999: 28-29):

- a. UG associates each parameter with a cue.
- b. A cue is not an input sentence or form but is something that can be derived from input.
- c. Cues must be *appropriate* to their parameters, in the sense that the cue must reflect a fundamental property of the parameter, rather than being fortuitously related to it.
- d. What the correct cue to any given parameter is must be empirically determined (by the linguist [...])
- e. Parameter setting proceeds in a (partial) order set by UG: this ordering reflects dependencies among cues and specifies a learning path [...]. The setting of a parameter later on the learning path depends on the results of setting earlier ones. [...]
- g. The learning strategy is loosely speaking “deterministic” [...], in that the learner may not backtrack or undo parameter settings that have already been set. [...]
- i. Cues are local in the sense that each decision depends on finding a specific configuration in the input, which the learner acts on without regard to the final result. Hence, learners are not trying to match the input. [...]

¹⁰ Na versão da Teoria X-barrada denominada *Bare Phrase Structure*, adoptada em vários trabalhos recentes, a pista consistiria na estrutura [_{X^v} X YP].

Antes de prosseguir, deixem-me fazer um parêntesis modalizador. Nem todos os aspectos do conhecimento maduro atingido como resultado do processo de aquisição são explicáveis através deste modelo. Assim, por exemplo, a dimensão dos léxicos activo e passivo de cada falante, as fórmulas e expressões feitas que compreende e produz, a frequência com que usa certas palavras e construções dependem de inúmeros outros factores, entre os quais avultam, evidentemente, os sócio-culturais.

Dispomos então de um mesmo formalismo conceptual para dar conta (a) do modo como se processa a aquisição da língua e (b) da variação entre as gramáticas maduras atingidas. Mas, mais interessante ainda, este formalismo conceptual permite-nos também compreender certos aspectos centrais do processo de mudança linguística.

Sabe-se há muito que as línguas atravessam períodos de mudança extremamente rápida seguidos de períodos de equilíbrio mais ou menos longos. A resposta generativista ao problema da mudança linguística sustenta que, durante o processo de aquisição, cada geração fixa os parâmetros presentes na faculdade da linguagem em função de propriedades relevantes da experiência linguística a que está exposto. O conhecimento maduro atingido não será nunca idêntico ao da geração anterior, uma vez que o próprio *input* será diferente: novos itens lexicais foram criados e outros entraram em desuso, novas situações de contacto entre línguas e dialectos ocorreram ou generalizaram-se, modas linguísticas podem ter aumentado substancialmente a frequência de certas construções, etc. Este tipo de factores vai introduzindo mudanças graduais e parcelares, mas corresponde a períodos de estabilidade estrutural do conhecimento maduro atingido.

Contudo, o *input* a que uma dada geração está exposta pode conter formas às quais, devido à concorrência com outras formas mais frequentes, ou à perda gradual entretanto generalizada de indícios morfológicos ou ainda à sua opacidade devido a parâmetros previamente fixados, a criança em processo de aquisição não consegue atribuir a mesma análise da gramática adulta da geração anterior. Quando isto acontece, a reanálise a que a criança procede dá origem a uma fixação de parâmetros distinta da dessa gramática, com efeitos catastróficos, quer dizer, essa reanálise afecta muitos aspectos estruturais do conhecimento maduro atingido. Nesta perspectiva, o factor que está na origem dos períodos de mudança rápida observados na história de uma língua é, portanto, uma nova fixação de parâmetros.

De entre as propriedades que Lightfoot (1991) atribui às mudanças linguísticas decorrentes da fixação de parâmetros destacam-se as seguintes: cada fixação nova (a) manifesta-se através de um conjunto de alterações superficiais simultâneas, (b) pode desencadear uma reacção em cadeia, (c) origina mudanças mais rápidas do que outros factores, representadas através da curva-S de Kroch e (d) está na origem do estatuto obsoleto de certas estruturas.

Por vezes, a mudança linguística pode dever-se à redução das gramáticas em competição disponíveis na comunidade linguística que fornece o *input* para o processo de aquisição. Neste caso, verifica-se a eliminação de uma das gramáticas, do que resulta a redução da diversidade linguística da comunidade em questão. Mas a eliminação da gramática obsoleta é também explicada através do processo de fixação de parâmetros. Um exemplo interessante é o da fixação do valor negativo para o parâmetro "Verbo em segunda posição" (= V/2), na história do inglês. Esta fixação é precedida de um longo período em

que a estrutura típica de V/2 parece ser opcional. De acordo com o estudo de Kroch e Taylor (1997), esta aparente opcionalidade existente na comunidade de falantes do inglês médio escondia a existência de duas gramáticas em competição: uma gramática setentrional, resultante do processo de aquisição do inglês como língua segunda por invasores e colonos escandinavos, que fixava o valor positivo para este parâmetro, e uma gramática meridional, com um valor negativo para o mesmo. A primeira das gramáticas perde-se, sobrevivendo apenas a segunda, eventualmente devido a uma progressiva escassez da pista decisiva para a fixação do valor positivo para V/2: a existência de constituintes distintos do sujeito em posição de *Spec* de CP em frases declarativas¹¹.

A teoria que descrevi sumariamente permite-nos igualmente compreender de que forma actua o processo de aquisição e, conseqüentemente, de fixação de parâmetros em situações em que a aquisição decorre com base em experiência heterogénea, proveniente de várias línguas, e em que tal experiência se distingue drasticamente da da geração anterior, como acontece na génese das línguas crioulas.

3.2. Crioulos: a ruptura com o consenso da não uniformidade

A Crioulística é uma das áreas da Linguística em que o compromisso político dos investigadores se manifesta com mais evidência, o que é compreensível dada a génese histórica da maioria das línguas crioulas, que remonta, como todos sabemos, à época dos impérios coloniais europeus. De facto, a literatura sobre crioulos está marcada por preconceitos ideológicos, desde os primeiros escritos de missionários obcecados com a missão evangelizadora dos seres selvagens e inferiores que os falavam. De então até aos nossos dias, as “teorias” sobre a génese e a estrutura das línguas crioulas ora revelam posições filiadas numa ideologia (neo)colonial, ora se afirmam em ruptura com tal ideologia. Assim, todos nós conhecemos, pessoalmente ou através dos seus trabalhos, investigadores politicamente progressistas, empenhados em devolver aos falantes de línguas crioulas a sua auto-estima linguística e em contribuir para o reconhecimento do estatuto político destas línguas como línguas nacionais e de escolarização nos países em que elas são língua materna de largas percentagens da população.

Contudo, e paradoxalmente, representantes de qualquer uma destas linhas ideológicas opostas partilham assunções comuns sobre a génese e a estrutura dos crioulos, que se erigiram em consenso sem motivação empírica e de conseqüências biolinguísticas dificilmente sustentáveis. A partir de agora, na esteira de DeGraff, passarei a denominar tais assunções o consenso da não uniformidade.

Deixem-me demonstrar, ainda que rapidamente a justeza desta afirmação, que aos ouvidos de alguns dos presentes pode parecer herética. Quanto à génese dos crioulos, o consenso da não uniformidade caracteriza-se pela ideia de que os crioulos evoluíram a

¹¹ Estudos estatísticos sobre línguas germânicas V/2 contemporâneas apontam para a presença desta pista em cerca de 30% das frases-raiz (ver referências em Lightfoot 1993), o que nos permite concluir que, quando ocorre com esta frequência, a pista é suficientemente robusta para desencadear a fixação positiva do parâmetro.

partir de *pidgins* a-afixais, pelo que o processo de mudança envolvido supõe uma simplificação “drástica, extrema, extraordinária ou não natural” (Alleyne, 1994: 8), um tipo de simplificação que se considera exclusivo da história destas línguas. Desta assunção decorre, naturalmente, que as línguas crioulas, independentemente das características tipológicas dos substratos e das línguas lexicificadoras, são consideradas, implícita ou explicitamente, como um *tipo*, estruturalmente distinto das línguas ditas “normais”, “regulares” ou “sofisticadas” (cf., por exemplo, McWhorter, 1998), e caracterizadas gramaticalmente como as opções mais simples para os problemas de comunicação em comunidades plurilíngues. Esta “simplicidade” aparece normalmente descrita como ausência ou incipiência de morfologia, escassez de morfemas funcionais e criação dos existentes unicamente a partir do processo de gramaticalização, e sintaxe essencialmente local, com poucas manifestações da propriedade de deslocação extensivamente presente nas línguas não crioulas. Mesmo investigadores filiados no programa generativista têm perfilhado esta assunção, ao associarem “simplicidade” à escolha de opções não marcadas na fixação de parâmetros ou de soluções óptimas em termos de princípios de economia¹².

As consequências biolinguísticas deste consenso são extremamente implausíveis: como sublinha DeGraff (2001), ele obriga-nos a considerar que a faculdade da linguagem dos criadores de línguas crioulas funciona de um modo diferente da dos restantes seres humanos, uma vez que não é capaz de analisar o *input* de modo a nele reconhecer nem unidades morfológicas complexas, nem unidades de natureza funcional. Além disso, este consenso leva-nos a supor que o sistema computacional destes falantes é, por uma qualquer razão misteriosa, deficitário, uma vez que não consegue exprimir a propriedade da deslocação presente nas línguas não crioulas.

Ora trabalhos recentes sobre estas línguas desenvolvidos no quadro do programa generativista têm mostrado que o consenso da não uniformidade não tem motivação empírica. Quando se começa a olhar para as gramáticas das línguas crioulas com os instrumentos conceptuais apropriados, percebe-se rapidamente que acontece com elas o que se passa nas outras: há de tudo, como na farmácia – mais exactamente, há de tudo, nos limites permitidos pela faculdade da linguagem. Exemplificando, no artigo de 2001 que há pouco referi, DeGraff utiliza o crioulo do Haiti para demonstrar que a assunção da ausência ou incipiência de morfologia não encontra fundamento empírico, já que esta língua dispõe de processos morfológicos produtivos de construção de unidades lexicais complexas, para além de exibir mais morfologia de género do que a existente ... em inglês. Também no que diz respeito a crioulos atlânticos de base lexical portuguesa, vários trabalhos recentes permitem refutar o consenso da não uniformidade, no que se refere quer ao vocabulário de unidades funcionais, quer à propriedade de deslocação¹³.

¹² Veja-se, por exemplo, Roberts (1999).

¹³ Vejam-se a este propósito Kihm (1994), sobre o kriyol, Baptista (1997, 1999) e Pratas (2002) sobre o crioulo de Cabo Verde, Hagemeyer (2000, 2001) sobre o santome, e Alexandre e Hagemeyer (2002, 2003) sobre aspectos sintácticos comparados de crioulos atlânticos de base lexical portuguesa.

Em síntese, quando observados do ponto de vista do programa generativista:

creoles are no more and no less than the result of extraordinary external factors coupled with ordinary internal factors; that is, creoles, alongside language change, are the result of particular types of language contact whose effects on attained grammars are mediated by the contact situation's unstabilizing influence on the triggering experience.

[DeGraff, 1999: 477]

3.3. Permeabilização das fronteiras internas da gramática e redefinição das suas fronteiras externas

Nos anos setenta era usual encontrar na literatura as expressões “gramática da frase” e “gramática do discurso” (ou do texto). Enquanto os praticantes da linguística formal, entre os quais se destacavam os generativistas, se ocupavam da primeira, a última atraía a atenção e o interesse de funcionalistas agrupados na recém-criada pragmática linguística.

Em Givón (1984), encontra-se uma boa síntese (a) da crítica funcionalista ao programa de investigação generativista (enviesada embora pelo facto de se basear exclusivamente em textos produzidos entre 1957 e 1968) e (b) da agenda de trabalho funcionalista, em que é possível reconhecer ingredientes centrais de abordagens contemporâneas incluídas na chamada Linguística Cognitiva.

Concentremo-nos nos seguintes aspectos desta crítica de Givón¹⁴: a idealização em que o programa generativista se funda (a distinção entre conhecimento da língua e uso que os falantes dele fazem), a limitação dos dados empíricos ao inglês e o tipo de formalização adoptado (a gramática interna que resulta do processo de aquisição é encarada como um algoritmo cego a necessidades comunicativas).

Quanto à primeira crítica, vale a pena recordar que a ciência se distingue de outras formas de compreensão do mundo exactamente por procurar explicações parciais e provisórias de fenómenos que podem ser isolados e bem definidos. A idealização é, por isso, inerente ao modo normal de fazer ciência, uma vez que só ela permite isolar e circunscrever os fenómenos que são, em dado momento, objecto de estudo. Na realidade, a história das ciências tem mostrado que, quando se procura compreender tudo sobre tudo ao mesmo tempo, se entra na esfera dos mistérios, e, sobre mistérios, a ciência nada tem de interessante a dizer. Pelo contrário, quando se formulam perguntas restritas e aparentemente pouco ambiciosas, obtêm-se respostas cada vez mais gerais.

¹⁴ Os cinco restantes são o predomínio da estrutura sobre a função, a abstracção feita do contexto social e cultural, o inatismo, a hipótese da modularidade da mente, a incapacidade de lidar com a aquisição e com a mudança linguística. As três últimas críticas carecem de fundamento à luz quer dos desenvolvimentos do programa generativista, quer de evidência fornecida por resultados de investigação em Biologia, Genética, Psicologia Cognitiva e Neuro-Anatomia. Quanto ao primeiro, Givón identifica o predomínio da estrutura sobre a função com a tese da autonomia da sintaxe, tese que, como é sabido, foi enfraquecida a partir do início dos anos setenta, altura em que a hipótese lexicalista passou a ser adoptada: desde então assume-se que a sintaxe respeita as propriedades dos itens lexicais, pelo que só é possível falar de autonomia relativa.

Consideremos agora a segunda crítica, a limitação dos dados empíricos ao inglês. É um facto que grande parte da literatura generativista produzida até ao início da década de setenta se baseava quase exclusivamente em dados do inglês. Contudo a base empírica foi-se progressivamente alargando a línguas tipologicamente diferentes, e a perspectiva comparativa passou a constituir regra a adoptar na abordagem dos factos linguísticos. Como Hægeman (1997) afirma relativamente aos estudos sintácticos, mas é possível generalizar a outras sub-áreas da gramática:

[...] a major criticism levied against early generative grammar concerned its central interest for conceptual problems often to the detriment of the empirical study of language. When empirical data were considered, this was often to serve a theoretical point, and in the analyses a small range of data of only a handful of languages was taken into account, standard English occupying a central position among the languages under examination. Over the past twenty years, we have witnessed a surge of comparative work along various dimensions. In this new comparative syntax, careful study of empirical data takes a central position with a stimulating two-way interaction between theoretical developments and empirical study.

[Hægeman, 1997: 1]

Assim, a evidência considerada relevante para a investigação no programa generativista é actualmente de vários tipos. Especificando um pouco mais, têm constituído evidência empírica para a investigação (bio)linguística estudos de gramática universal e comparada, estudos do processo de aquisição de línguas materna, segunda e estrangeira, estudos do comportamento linguístico de pacientes com lesões cerebrais e distúrbios genéticos¹⁵, estudos de desenvolvimento linguístico de crianças privadas de linguagem¹⁶ e de crianças e adultos com distúrbios de desenvolvimento¹⁷, estudos do comportamento linguístico de “sábios linguísticos”¹⁸, estudos particulares e comparativos de língua gestual¹⁹, testes psicolinguísticos, testes perceptivos, testes de comportamento linguístico provocado, testes de produção de juízos de gramaticalidade e de aceitabilidade, e técnicas de representação da actividade neural em situações de compreensão e de produção linguística²⁰.

¹⁵ Vejam-se, por exemplo, os estudos sobre doentes com a Síndrome de Williams de Bellugi *et al.* (1990), Ewart *et al.* (1993), Galaburda *et al.* (1994) e Frangiskakis *et al.* (1996).

¹⁶ Veja-se o famoso estudo de caso de Genie, descrito em Curtiss (1977).

¹⁷ Vejam-se os estudos sobre os casos de apraxia verbal de desenvolvimento da família inglesa identificada como KE descritos em Hurst *et al.* (1990) e Gopnik & Crago (1991).

¹⁸ Veja-se, por exemplo, o estudo de caso de Christopher, descrito em Smith & Tsimpli (1995).

¹⁹ Veja-se, por exemplo, o estudo de de Villiers, de Villiers & Hoban (1994), que mostra que a gramática dos 52 sujeitos não ouvintes estudados, com idades compreendidas entre os 11 e os 19 anos, está afectada no sistema das categorias funcionais C e I.

²⁰ Entre as quais se contam técnicas de imagiologia cerebral como a TAC (tomografia axial computadorizada), a PET (tomografia de emissão de positrões), a SPECT (tomografia de emissão de fotões simples) e a RM (ressonância magnética) e técnicas de registo de actividade eléctrica como o ERP (registo de potenciais evocados). Sobre este assunto veja-se Castro Caldas (1999), capítulo 4.

Atentemos agora na terceira crítica de Givón, o tipo de formalização adoptado no programa generativista. Ora, em Linguística, como em qualquer outra ciência empírica, a formalização é uma técnica analítica utilizada para alcançar uma melhor compreensão dos fenómenos, i.e., é um instrumento. Consequentemente, deve ser avaliada a partir dos resultados que permite obter: ou serve o propósito a que se destina, e não há razões para procurar outra, ou não serve, e é preciso substituí-la.

Procurarei mostrar que, graças à idealização que funda o programa generativista, à base empírica considerada e ao tipo de formalização desenvolvido, se assistiu nos últimos vinte anos a uma redefinição das fronteiras da gramática, quer pela permeabilização das fronteiras entre sub-áreas dos estudos gramaticais, quer pela apropriação de problemáticas que eram tipicamente estranhas ao edifício central da gramática.

Em primeiro lugar, assistiu-se nos últimos vinte anos a um número crescente de estudos desenvolvidos em parcerias constituídas por investigadores de várias sub-áreas da gramática: os trabalhos em colaboração envolvendo linguistas especializados, por exemplo, em Semântica Lexical e em Sintaxe, em Morfologia e em Sintaxe, em Fonologia e em Sintaxe ou em Sintaxe e em Semântica têm-se multiplicado e têm frutificado na elaboração de um formalismo conceptual único, que visa uma compreensão mais profunda e integrada dos factos gramaticais. Em consequência deste intenso trabalho colaborativo, dispomos hoje de um aparelho conceptual transversal às várias áreas da gramática. Para dar dois exemplos, o conceito de estrutura hierárquica binária das expressões linguísticas não atómicas é aceite tanto em Fonologia como em Sintaxe, Morfologia e Semântica. O conceito de papel temático está presente em todas as áreas de conhecimento gramatical que lidam com unidades com significado.

Muitos investigadores que não se reconhecem no programa generativista poderão considerar este esforço como um exemplo paradigmático de estudos formalistas de aspectos estruturais microscópicos da capacidade linguística dos seres humanos, incapazes de fornecer uma melhor compreensão do modo como se organizam unidades linguísticas superiores à frase. Particularizando com um exemplo sintáctico, é este provavelmente o juízo avaliativo de muitos linguistas não generativistas sobre os múltiplos trabalhos consagrados à tipologia das categorias sem realização fonética, à sua distribuição e condições de legitimação. Avaliarão porventura também negativamente instrumentos pacientemente construídos com o objectivo de funcionarem como diagnóstico de determinados processos sintácticos (*e.g.*, sensibilidade a ilhas, efeitos de reconstrução, efeitos de cruzamento forte, condições de localidade, ...).

Contudo, por muito desinteressante e “árida” (?) que esta investigação possa parecer, o facto é que ela permitiu atingir um nível de compreensão dos factos sintácticos que está na base do alargamento da unidade máxima da Sintaxe a fragmentos discursivos como os pares pergunta-resposta. Puderam emergir novas áreas de investigação que visam a compreensão do modo como o órgão da linguagem, tanto ao longo do seu processo de crescimento quanto na sua fase madura, interage com outros módulos do sistema cognitivo do ser humano. Um exemplo deste tipo de preocupação são os estudos que procuram caracterizar aspectos da interface entre factos estritamente gramaticais, resultantes do

processo de maturação linguística, e questões habitualmente classificadas como discursivas ou pragmáticas. Um resultado interessante deste esforço é o catálogo de construções elípticas de que dispomos actualmente. Estas construções estão hoje bem descritas estruturalmente, a partir de uma sólida base empírica interlinguística, e o seu papel na economia do discurso começa a ser compreendido²¹.

4. À laia de conclusão

Em síntese, a resposta generativista ao problema da unificação eliminou fronteiras entre problemas clássicos da Linguística e permeabilizou as fronteiras existentes entre sub-áreas dos estudos gramaticais, fomentando um estimulante trânsito de ideias e perspectivas entre especialistas de cada uma delas. Estudos comparativos sobre línguas tipologicamente diferentes permitiram encontrar fixações de parâmetros idênticas, responsáveis por semelhanças de superfície que a genealogia e a tipologia não permitiam prever, ao mesmo tempo que trabalhos sobre línguas do mesmo tipo e família levaram à identificação de parâmetros fixados diferentemente. A investigação sobre diferentes aspectos da interface entre Gramática e Discurso pode hoje ser desenvolvida com o mesmo formalismo conceptual utilizado para dar conta dos restantes aspectos da estrutura gramatical, um estado de coisas impensável há vinte anos.

Finalmente, registre-se que uma das consequências mais interessantes da resposta generativista ao problema da unificação é aquilo a que se pode chamar “globalização” na argumentação linguística. Uma vez que se dispõe de um único formalismo conceptual para abordar os problemas da aquisição, da variação entre línguas e da mudança linguística, dados empíricos e análises construídas em investigações sobre cada um destes problemas podem legitimamente ser utilizados na argumentação a favor ou contra hipóteses desenvolvidas sobre outro dos problemas. Por exemplo, estudos de gramática universal e comparada e de aquisição podem fornecer argumentos para decidir entre formulações alternativas de aspectos da gramática de uma língua particular.

Até aqui, procurei mostrar que o programa de investigação generativista permitiu uma resposta interessante ao problema da unificação. Gostaria de deixar claro que os argumentos que aduzi a favor desta afirmação não devem ser compreendidos como os mandamentos de uma fé inabalável, que desafia a razão. Como todos os investigadores que trabalham neste quadro conceptual, estou consciente das insuficiências de algumas explicações propostas e da necessidade de refinamento de alguns instrumentos conceptuais. O conceito de parâmetro constitui um bom exemplo deste último caso, a dois níveis. Ilustrá-lo-ei com uma referência rápida ao Parâmetro do Sujeito Nulo, o parâmetro envolvido na possibilidade vs. impossibilidade de ocorrência de sujeitos sem realização fonética em frases finitas²².

²¹ Vejam-se, para o português europeu, trabalhos como os de Raposo (1986) e Matos (1992) e, para as variantes europeia e brasileira do português, Cyrino e Matos (2002).

²² Como é sabido, a maioria das línguas românicas fixa o valor positivo para o parâmetro (cf. *Telefonei ao João, Ho telefonato a Gianni, ...*), enquanto o francês e as línguas germânicas, por exemplo, fixam o valor negativo (cf. **Ai téléphoné à Jean, *Called John, ...*).

Em primeiro lugar, não dispomos ainda de uma explicação satisfatória para a propriedade que desencadeia a fixação do valor positivo para o parâmetro. Assim, no final dos anos setenta propunha-se que a explicação residia na possibilidade de *Agr*, o elemento frásico abstracto que contém os traços formais de pessoa e número do verbo, assumir uma natureza pronominal, na linha de propostas como a de Meillet, que, ao comparar o latim com o francês moderno, considerava que o morfema de pessoa-número latino desempenhava o mesmo papel do pronome sujeito francês²³. Nos anos oitenta, a investigação interlinguística permitiu mostrar que línguas sem morfologia verbal de concordância, como o chinês-mandarim, fixam o valor positivo para este parâmetro, o que levou vários autores a considerarem que a propriedade relevante para a fixação positiva do parâmetro era a uniformidade morfológica, i.e., o facto de o paradigma verbal manifestar morfologia de concordância em todas as pessoas e tempos finitos, como acontece com a maioria das línguas românicas, ou pelo contrário, não a manifestar de todo²⁴, como acontece com o chinês-mandarim.

Mas, tanto quanto sei, qualquer das explicações avançadas na literatura prediz que as gramáticas maduras resultantes do processo de aquisição se dividem entre as que admitem e as que não admitem sujeitos sem realização fonética em frases finitas. Ora descobriram-se entretanto línguas “mistas”, que exigem, em certos contextos, sujeitos sem realização fonética e, pelo contrário, não os permitem em outros contextos. Este parece ser o caso do português brasileiro e do crioulo de Cabo Verde, em que sujeitos expletivos são obrigatoriamente nulos (e.g., *Chove, Chegou o trem*), mas sujeitos referenciais têm de ter realização fonética (e.g., *Eu vi você, Ele me paga vs. *I?? Vi você, *Me paga*)²⁵. Gramáticas com estas propriedades sugerem que aquilo que tem sido considerado um parâmetro é, na realidade, um *cluster* de parâmetros, ou seja, sugerem que o Parâmetro do Sujeito Nulo deve ser decomposto em escolhas binárias mais finas.

Em segundo lugar, continua em aberto o debate sobre o modo como os parâmetros são fixados durante o processo de aquisição. Apresentei há pouco a versão do processo de fixação subscrita por Dresher (1999) e Lightfoot (1999), mas existem outras hipóteses em confronto, como a dos algoritmos genéticos de Clark ou a do *Triggering Learning Algorithm* de Gibson e Wexler²⁶. Até que a investigação empírica sobre aquisição e mudança permita uma avaliação mais conclusiva das hipóteses em presença, permanecem questões interessantes sobre a natureza e a quantidade da informação relevante para a fixação de parâmetros na experiência linguística a que a criança está exposta. Por exemplo, será que, para este processo, só são relevantes dados de frases-raíz, como tem sustentado Lightfoot?

²³ Veja-se o estudo de Rizzi sobre este assunto incluído em Rizzi (1982), que propunha que *Agr* pronominal tinha a capacidade de reger uma categoria vazia na posição de sujeito. Esta hipótese foi remaquilhada nos anos noventa como a possibilidade de *Agr* pronominal verificar o traço EPP.

²⁴ Veja-se a este propósito, por exemplo, Jaeggli e Safir (1989).

²⁵ Sobre este assunto vejam-se, entre outros, Duarte (2000), Negrão e Viotti (2000) e Coelho *et alii* (2001) para o português brasileiro e Pratas (2002) para o crioulo de Cabo Verde.

²⁶ Sobre a hipótese dos algoritmos genéticos, veja-se Clark (1992) e Clark e Roberts (1993). Sobre o *Triggering Learning Algorithm*, veja-se Gibson e Wexler (1994).

Os erros detectados em fases intermédias do processo de crescimento do órgão da linguagem dever-se-ão a uma fixação de parâmetros distinta da da gramática adulta, fixação essa “corrigida” em etapas posteriores do desenvolvimento? Ou dever-se-ão antes às limitações da criança relativas à integração de aspectos de outros sistemas cognitivos quando processa enunciados (*e.g.*, limitações na capacidade de inferir, a partir do discurso do interlocutor, o que constitui, em cada momento, o conhecimento partilhado por ambos)²⁷?

Mas tudo isto é o que se espera que aconteça quando falamos de ciência. O programa de investigação generativista dará um dia, inevitavelmente, lugar a um outro que permitirá respostas de maior alcance ao problema da unificação. Contudo, os resultados obtidos ao longo dos seus quarenta e tal anos de vida constituem um património intelectual da humanidade. Mesmo que algumas das suas hipóteses fundadoras venham a ser refutadas, terão contribuído decisivamente para o progresso do conhecimento sobre aspectos essenciais da capacidade linguística da espécie humana.

Permitam-me agora que conclua, pedindo de novo emprestadas a João Magueijo as palavras finais do seu livro. Diz ele a propósito dos cientistas, que distingue veementemente da burocracia académica instalada que administra a ciência por esse mundo fora:

Somos nós – os que amamos o desconhecido para lá de todas as modas políticas ou imposições partidárias – que usufruímos do último e glorioso riso. Gostamos mais do nosso trabalho do que é possível exprimir por palavras. No universo ninguém se diverte mais do que nós.

[Magueijo, 2003: 280].

Ele tem razão, não acham?

Referências

- Alexandre, N. & T. Hagemeyer (2002) Pronomes Resumptivos e Abandono de Preposição nos Crioulos Atlânticos de Base Lexical Portuguesa. In Gonçalves e Correia (orgs.) *Actas do XVII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 17-30.
- Alexandre, N. & T. Hagemeyer (2003) Bare Nouns and the Nominal Domain in Santome. Comunicação apresentada ao “Colóquio da Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola”, A Coruña.
- Alleyne, M. (1994) Problems of Standardization of Creole Languages. In Morgan (org.) *Language and the Social Construction of Identity in Creole Languages*. Center for Afro-American Studies, UCLA, pp. 7-18.
- Avrutin, S. (1999) *Development of the Syntax-Discourse Interface*. Dordrecht: Kluwer.

²⁷ Como sugere, por exemplo, Avrutin (1999).

- Baptista, M. (1997) *The Morpho-Syntax of Nominal and Verbal Categories in Capeverdean Creole*. Dissertação de PhD, Harvard University.
- Baptista, M. (1999) *Wh-Extraction and Lack of Asymmetry: the Puzzle of Creoles*. Ms.
- Bellugi, U., A. Bihrlé, T. Jernigan, D. Trauner & S. Doherty (1990) Neuropsychological, Neurological, and Neuroanatomical Profile of Williams Syndrome. *American Journal of Medical Genetics Supplement* 6, pp. 115-125.
- Castro Caldas, A. (1999) *A Herança de Franz Joseph Gall. O Cérebro ao Serviço do Comportamento Humano*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Chomsky, N. (1968) *Language and Mind*. Nova Iorque: Harcourt, Brace & World.
- Chomsky, N. (1980) *Rules and Representations*. Nova Iorque: Columbia University Press.
- Chomsky, N. (1981) *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.
- Chomsky, N. (1986) *Knowledge of Language. Its Nature, Origin and Use*. Nova Iorque: Praeger.
- Chomsky, N. (1988) *Language and Problems of Knowledge. The Managua Lectures*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Chomsky, N. (1995) *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Chomsky, N. (2000) *New Horizons in the Study of Language and Mind*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Chomsky, N. & H. Lasnik (1993) The Theory of Principles and Parameters. In Chomsky (1995), pp. 13-127.
- Clark, R. (1992) The Selection of Syntactic Knowledge. *Language Acquisition* 2, pp. 83-149.
- Clark, R. & I. Roberts (1993) A Computational Model of Language Learnability and Language Change. *Linguistic Inquiry* 24(2), pp. 229-345.
- Coelho, I., J. Costa, C. Figueiredo Silva, S. Menuzzi & G. Brazzarola (2001) Ordem VS e Sujeito Nulo em PE vs. PB. Comunicação apresentada ao "2.º Workshop do Projecto Português Europeu e Português Brasileiro - Unidade e Diversidade na Passagem do Milénio", Fortaleza.
- Curtiss, S. (1977) *Genie: a Psycholinguistic Study of a Modern Day "Wild Child"*. Nova Iorque: Academic Press.
- Cyrino, S. & G. Matos (2002) VP Ellipsis in European and Brazilian Portuguese – a Comparative Analysis. *Journal of Portuguese Linguistics*, 1(2).
- DeGraff, M. (1999) Creolization, Language Change, and Language Acquisition. An Epilogue. In DeGraff (org.), pp. 473-543.
- DeGraff, M. (2001) Morphology in Creole Genesis. In Kentowicz (org.), pp. 53-121.
- DeGraff, M. (org.) (1999) *Language Creation and Language Change. Creolization, Diachrony and Development*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- de Villiers, J., P. de Villiers & E. Hoban (1994) The Central Problems of Functional Categories in the English Syntax of Oral Deaf Children. In Tager-Flushberg (org.) *Constraints on Language Acquisition*. Hillsdale, NJ: LEA.
- Dresher, E. (1999) Charting the Learning Path: Cues to Parameter Setting. *Linguistic Inquiry* 30(1), pp. 27-67.

- Duarte, I. (1998) Chomsky e Descartes: O Uso Estratégico de um Argumento Cartesiano e a Fundação das Ciências da Cognição. In Santos, L. Ribeiro dos, P. Alves & A. Cardoso (orgs.) *Descartes, Leibniz e a Modernidade*. Lisboa: Colibri, pp. 547-573.
- Duarte, M. E. (2000) The Loss of the 'Avoid Pronoun' Principle in Brazilian Portuguese. In Kato & Negrão (orgs.) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Madrid: Vervuet, Iberoamericana, pp. 17-36.
- Ewart, A., C. Morris, D. Atkinson, W. Jin, K. Sternes, P. Spallone, A. Stock, M. Leppert & M. Keating (1993) Hemizygoty at the Elastin Locus in a Developmental Disorder, Williams Syndrome. *Nature Genetics* 5 (1). pp. 11-16.
- Fodor, J. (1983) *The Modularity of Mind*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Fodor, J. (1985) Précis of the Modularity of Mind. *The Behavioral and Brain Sciences* 8. pp. 1-42.
- Fodor, J. (1998) Unambiguous Triggers. *Linguistic Inquiry* 29 (1). pp. 1-36.
- Galaburda, A., P. Wang, U. Bellugi & M. Rossen (1994) Cytoarchitectonic Anomalies in a Genetically Based Disorder: Williams Syndrome. *Neuroreport* 5 (7). pp. 753-757.
- Gibson, E. & K. Wexler (1994) Triggers. *Linguistic Inquiry* 25(3). pp. 407-454.
- Givón, T. (1984) *Syntax*. Amsterdão: John Benjamins.
- Gopnick, M. & M. Crago (1991) Familial Aggregation of a Developmental Language Disorder. *Cognition* 39 (1). pp. 1-50.
- Hagemeijer, T. (2000) *Serial Verb Constructions in São-Tomense*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Hagemeijer, T. (2001) Semi-lexicality and Underspecification in Serial Verb Constructions. In Corver & van Riemsdijk (orgs.) *Semi-Lexical Heads*. Nova Iorque: Mouton de Gruyter.
- Hægeman, L. (org.) (1997) *The New Comparative Syntax*. Londres: Longman.
- Jaeggli, O. & K. Safir (1989) The Null Subject Parameter and Parametric Theory. In Jaeggli & Safir (orgs.) *The Null Subject Parameter*: 1-44. Dordrecht: Kluwer.
- Jenkins, L. (2000) *Biolinguistics. Exploring the Biology of Language*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Jerne, N. (1967) Antibodies and Learning: Selection versus Instruction. In Quarton, Melnechuk & Schmitt (orgs.) *The Neurosciences: a Study Program*. Nova Iorque: Rockefeller University Press.
- Kentowicz, M. (org.) (2001) *Ken Hale. A Life in Language*. Cambridge, Mass: The MIT Press.
- Kihm, A. (1994) *Kriyol Syntax: The Portuguese-Based Creole Language of Guinea-Bissau*. Amsterdão: John Benjamins.
- Kroch, A. & A. Taylor (1997) The Syntax of Verb Movement in Old and Middle English: Dialect Variation and Language Contact. In van Kemenade & Vincent (orgs.) *Parameters of Morphosyntactic Change*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 297-325.
- Lakatos, I. (1998) *História da Ciência e Suas Reconstruções Racionais*. Lisboa: Edições 70. Tradução portuguesa de *Philosophical Papers I*, Cambridge, Press Syndicate of the University of Cambridge, 1978.
- Lightfoot, D. (1991) *How to Set Parameters. Arguments from Language Change*. Cambridge, MA: The MIT Press.

- Lightfoot, D. (1993) Historical Linguistics: Problems and Perspectives. In Battye & Roberts (orgs.) *Clause Structure and Language Change*. Oxford: Oxford University Press. 1995.
- Lightfoot, D. (1999) *The Development of Language. Acquisition, Change and Evolution*. Londres: Blackwell.
- Magueijo, J. (2003) *Mais Rápido que a Luz. Biografia de uma Especulação Científica*. Tradução portuguesa de *Faster than the Speed of Light*, Gradiva.
- Matos, G. (1992) *Construções de Elipse do Predicado em Português*. Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- McWhorter, J. (1998) Identifying the Creole Prototype: Vindicating a Typological Class. *Language* 74. pp. 788-818.
- Negrão, E. & E. Viotti (2000) Brazilian Portuguese as a Subject-Oriented Language. In Kato & Negrão (orgs.) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Madrid: Vervuet, Iberoamericana, pp. 105-125.
- Piattelli-Palmarini, M. (1989) Evolution, Selection and Cognition: from "Learning" to Parameter Setting in Biology and in the Study of Language. *Cognition* 31 (1). pp. 1-44.
- Pinker, S. (1994) *The Language Instinct. How the Mind Creates Language*. 2.ª edição. Nova Iorque: Harper Perennial. 1995.
- Pinker, S. (1997) *How the Mind Works*. Edição inglesa. Harmondsworth: Penguin. 1998.
- Pratas, F. (2002) *O Sistema Pronominal do Caboverdiano (variante de Santiago) Questões de Gramática*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Raposo, E. (1986) On the Null Object in European Portuguese. In Jaeggli & Silva-Corvalán, (orgs.) *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris, pp. 373-390.
- Rizzi, L. (1982) *Issues in Italian Syntax*. Dordrecht: Foris.
- Roberts, I. (1999) Verb Movement and Markedness. In DeGraff (org.) pp. 287-327.
- Smith, N. & M. Tsimpli (1995) *The Mind of a Savant: Language Learning and Modularity*. Oxford: Blackwell.